

• DIAGRAMA •

CEFET-MG é notícia

INCLUSÃO PELO TOQUE

Conheça projetos de pesquisa para
pessoas cegas ou com baixa visão

páginas 6 a 9

• BACHAREL E MESTRE •

Dupla diplomação é regulamentada e mais
estudantes poderão se formar no exterior

página 3

• PANEIA VAZIA •

Pesquisa confirma que pandemia afetou em
maior grau mulheres negras e pobres

páginas 4 e 5

• INSCREVA-SE •

Credenciamento dos grupos de arte
e cultura do CEFET-MG está aberto

página 12

Um brinde ao conhecimento e à experiência

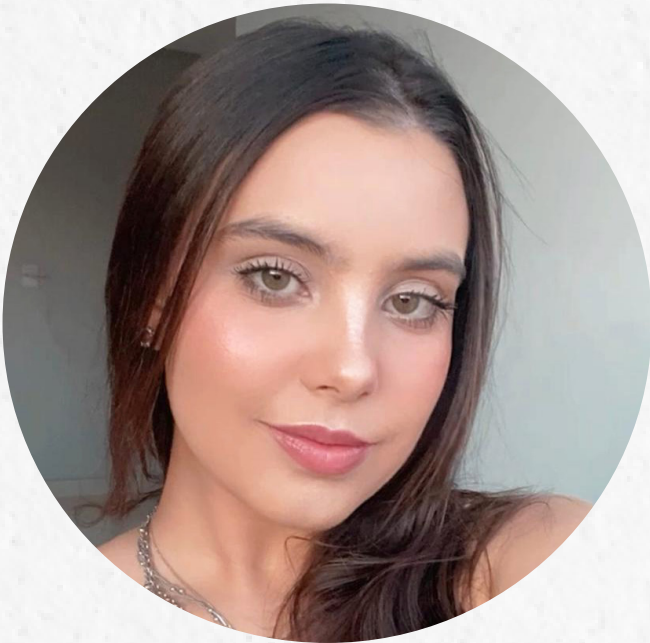
Olá! Quem escreve é Letícia Paolinelli, muito prazer! Sou uma mineira que viveu 19 anos em BH. Mas hoje moro em Divinópolis, onde curso o quinto período de jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e trabalho no CEFET-MG *campus* Divinópolis.

Em 2022, saí da capital com destino a Divinópolis para escrever um novo capítulo no livro da vida. Mudei-me após dois períodos estudando a distância, durante a pandemia, para finalmente vivenciar as experiências universitárias. O contexto da mudança e a nova rotina me motivaram a procurar um estágio, para colocar em prática os aprendizados da universidade.

Por sorte, naquele período, a Engenharia de Computação do CEFET-MG realizou um processo seletivo para bolsistas atuarem em produções textuais para o *site* do curso. Fiz inscrição, realizei a entrevista e fui aprovada. Começou, então, minha primeira experiência no mercado de trabalho.

Em maio de 2023, completei um ano como bolsista. Foi um ano de experiências, nova rotina, cheia de trocas, muitos conhecimentos adquiridos e saberes compartilhados. É uma oportunidade única poder estagiar em um ambiente acadêmico; estou cercada por um mar de conhecimentos e mentes inteligentes.

Além da alegria de estar em um espaço de partilha tão importante, o CEFET-MG me proporciona oportunidades únicas, que valorizo principalmente porque advêm de uma instituição pública. Aqui, posso almoçar e jantar no restaurante universitário, pegar livros na Biblioteca – rica em exemplares cativantes – e, até mesmo, aprender um novo idioma; por meio da Fundação CEFETMINAS, continuei, de forma gratuita, o curso de inglês que ingressei, em 2018, na Instituição.



Estar aqui simboliza um passo muito importante na minha história e me impulsiona a projetos ainda maiores. Sinto honra e orgulho em poder exercer essa experiência em uma instituição de educação pública.

Esta é uma ótima oportunidade para agradecer a todos que fazem parte do meu cotidiano: demais estagiários que estão sempre comigo, professores do curso que me acolheram com hospitalidade, servidores, funcionários e alunos. E, claro, o coordenador de Engenharia de Computação, Eduardo Habib, que abriu esta porta para mim e está comigo diariamente, com cordialidade e me repassando conhecimentos e ensinamentos.

Se “aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende”, como disse Leonardo da Vinci, que possamos sempre brindar o conhecimento e a experiência, que não nunca são demais e nos transformam. Obrigada!

Letícia Paolinelli

Estudante de jornalismo e bolsista no *campus* Divinópolis

• EXPEDIENTE •

Diretor-Geral
Prof. Flávio Santos

Vice-Diretora
Prof.ª Celeste Costa

Secretário de Comunicação Social
Luiz Eduardo Pacheco

Editor
André Luiz Silva
MTB 15.533/MG

Projeto Gráfico
Brigida Mattos Ornelas

Diagramação
Brigida Mattos Ornelas

Capa
Brigida Mattos Ornelas

Equipe de Jornalismo
Diogo Tognolo
Flávia Dias
Gilberto Todescato Telini
Nívia Rodrigues



Av. Amazonas, 5.253 • Nova Suíça • Belo Horizonte • MG
CEP 30.421-169
Tel. (31) 3319-7004
cjc@cefetmg.br | www.cefetmg.br



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BRAGANÇA

Escola Superior Agrária



Regulamento do Programa de Dupla Diplomação é aprovado

Iniciativa da SRI que permite que estudantes consigam diploma de mestrado em instituição estrangeira será expandido

• Diogo Tognolo •

Em 2019, Thalles Perdigão saiu do *campus* Nova Suíça, em Belo Horizonte, em direção à cidade de Bragança, em Portugal. Um ano depois, ele se formava com dois diplomas: graduado em Engenharia Ambiental e Sanitária pelo CEFET-MG e mestre em Tecnologia Ambiental pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB).

Thalles fez parte da primeira turma do Programa de Dupla Diplomação, iniciativa da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) que possibilita aos estudantes um período de mobilidade internacional, com a obtenção do diploma de graduação do CEFET-MG e de mestrado em instituições estrangeiras. O programa teve seu regulamento aprovado em maio pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe).

A coordenadora de Cooperação Internacional da SRI, Liliane Neves conta que, no total, 49 estudantes do CEFET-MG fizeram ou fazem parte do Programa – 24 já concluíram suas defesas na instituição estrangeira, 21 estão em mobilidade no momento e quatro irão iniciar em breve a experiência internacional. “O programa de dupla diplomação abre diversas portas para os discentes: o desenvolvimento de pesquisas em outra instituição internacionalmente reconhecida; a possibilidade de realização de estágios

no exterior; maior visibilidade no mundo do trabalho; melhor qualificação acadêmica”, explica Liliane. O programa também permite que professores de ambas as instituições desenvolvam trabalhos conjuntos de pesquisa.

O regulamento aprovado pelo Cepe estabelece as normas e procedimentos acadêmicos e administrativos para o Programa. Segundo Liliane, essa regulamentação traz uma padronização dos procedimentos e representa o reconhecimento institucional da importância desse tipo de ação. Até agora, o CEFET-MG tem um acordo com o IPB, mas a SRI já trabalha na implementação de acordos com outras instituições.

Para Thalles, a Dupla Diplomação trouxe frutos para além dos diplomas. Com a conclusão do curso, ele continuou em Portugal. “Logo que encerrei o mestrado fui aprovado em uma bolsa no IPB para trabalhar como pesquisador em um projeto multinacional, em seguida fui contratado por uma empresa para trabalhar como Engenheiro Ambiental. Regressei à área da pesquisa, com foco em inovação, na qual trabalho atualmente”, explica. “Foi uma experiência incrível e que mudou a minha vida. Destaco as oportunidades que tive de conviver com a diversidade, tanto na vida acadêmica quanto pessoal”.

Lares liderados por mulheres negras e pobres foram mais afetados na pandemia

Pesquisa analisou o acesso e a qualidade dos alimentos consumidos por mulheres periféricas e suas famílias no contexto da covid-19

• Nívia Rodrigues •

A qualidade e a quantidade de alimentos ingeridos durante a pandemia afetou especialmente casas de pessoas de baixa renda, em áreas rurais, lideradas por mulheres negras e de baixa escolaridade no Brasil. A chamada insegurança alimentar foi o tema da pesquisa “Covid-19, risco, impacto e resposta de gênero”, desenvolvida pela Fiocruz e instituições parceiras, entre elas o CEFET-MG, e demonstrou a repetição de um cenário infelizmente já conhecido.

Foram entrevistadas 45 mulheres entre março e agosto de 2021 dos aglomerados urbanos Cabana do Pai Tomás (Região Oeste de BH) e Sapopemba (Região Leste de São Paulo/SP), das comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha, Córrego do Rocha (Chapada do Norte/MG) e Córrego do Narciso (Araçuaí/MG). Os territórios foram escolhidos por já receberem projetos de pesquisa e extensão realizados pelos pesquisadores e por serem habitados por populações vulneráveis à pandemia. Moradores da Cabana do Pai Tomás, por exemplo, participam de programas de extensão do CEFET-MG, como o SoFIA, que parte da sociologia, da filosofia e das artes como ferramentas de aglutinação de saberes e promoção da educação popular.

Segundo o professor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do CEFET-MG e bolsista de pós-doutorado sênior do CNPq na Fiocruz Minas, Bráulio Chaves, as pesquisas de caráter qualitativo são importantes para aprofundar o debate com os sujeitos dos territórios estudados. “As entrevistas contemplaram a articulação de outras situações com a insegurança alimentar, como a trajetória das mulheres no território, suas vivências, suas experiências com os serviços públicos como o Sistema Único de Saúde (SUS), as dificuldades com o trabalho (como a intensificação do

trabalho das mulheres), o impacto da pandemia nas estruturas educacionais e, sobretudo, em como a emergência sanitária impactou nas redes de sociabilidade na Cabana do Pai Tomás”, explica.

Entre os fatores que mais impactaram a situação alimentar das entrevistadas e de suas famílias estão a diminuição da renda e o aumento dos preços dos alimentos. A carne bovina, seguida de arroz, feijão, óleo e sal, foi um dos itens de mais difícil acesso. Elas apontaram também a insuficiência do auxílio emergencial ofertado pelo governo e a retirada do auxílio alimentação daqueles que trabalhavam, devido à realização de trabalho remoto. Outros pontos destacados pelas entrevistadas foram o aumento do consumo de alimentos ocasionado pela ansiedade de permanecer em casa e pelos medos provocados pela pandemia.

Ações

A pandemia fez surgir, ou fortaleceu, diversas redes de solidariedade nas comunidades, sendo muitas lideradas por essas mulheres. Entre as ações, as entrevistadas participaram de doação de alimentos, seja compartilhando seus próprios alimentos, conseguindo doações por meio de parcerias, contribuindo com a logística das entregas ou identificando famílias que mais precisavam de doações.

Além desse trabalho, as informações levantadas pela equipe de pesquisadores levaram à realização de audiência pública na Câmara de Municipal de Belo Horizonte (CMBH), com o encaminhamento para realização de visitas técnicas ao território da Cabana, que contou com a presença de moradores, lideranças e da equipe de pesquisadores da Fiocruz e do CEFET-MG.



Lúcia Helena Apolinária

Vice-presidente da Associação Comunitária Vila Imperial do grande aglomerado Cabana do Pai Tomás (BH)

“Morando em comunidade e lidando com essa questão de comunidade, há muitos anos, eu vi a falta de alimento na casa das pessoas no período de Ditadura; nos anos 80, 90, ainda tinha essa demanda na época daquela inflação louca, as pessoas pediam esmola. E, depois, veio um período, de 2000 para cá, que as pessoas tinham acesso à comida com facilidade. Mas nessa pandemia, de 2020, 2021, com um agravante em 2021, a gente tem muito mais pessoas passando fome. E isso é literalmente, às vezes, não ter nada em casa para comer ou para dar para a família ou pros filhos comerem.”

(Depoimento dado à época da pandemia de Covid-19)
(Fonte: Gender & Covid-19 - Insegurança alimentar de mulheres e suas famílias no contexto da pandemia no Brasil)

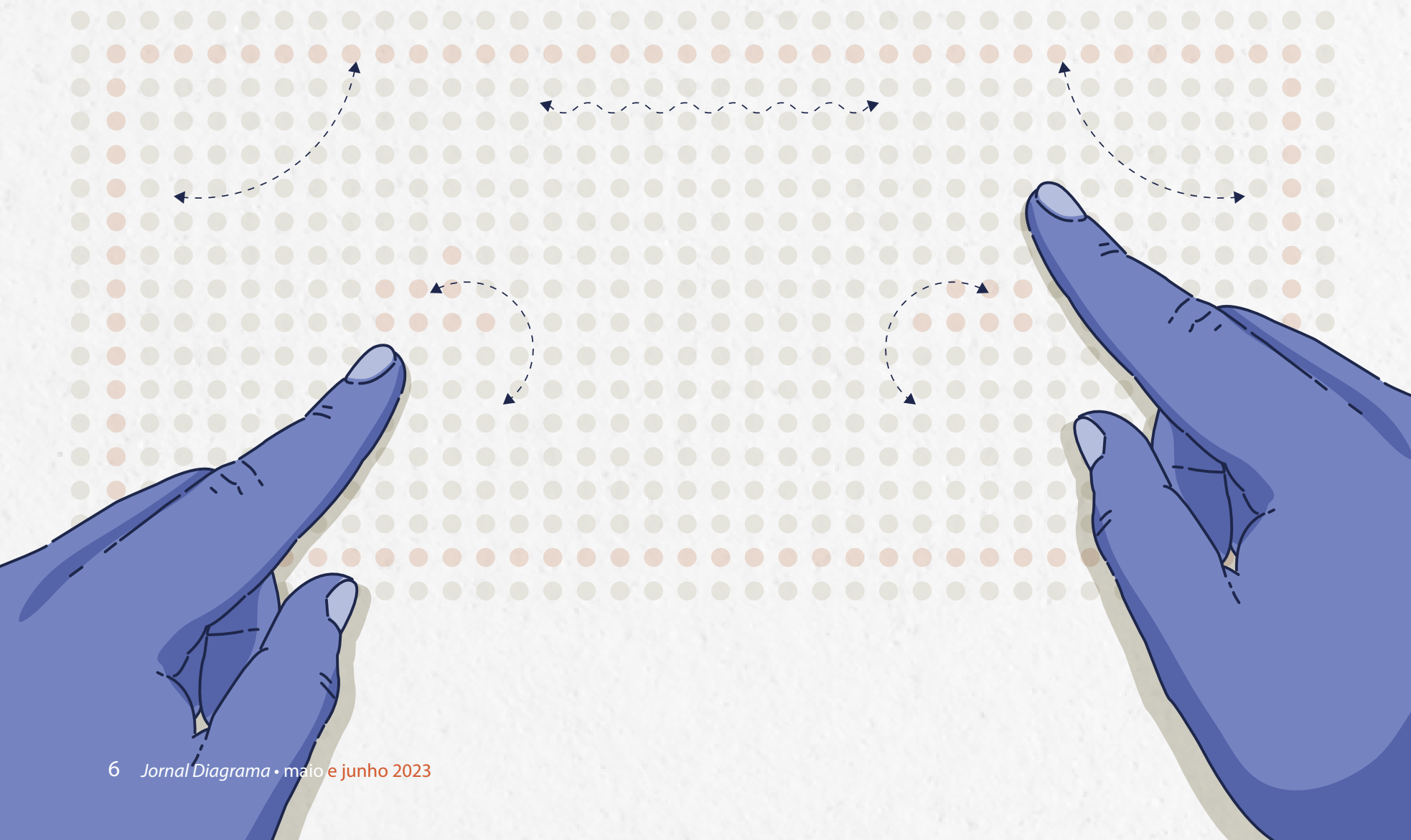
O que disseram as mulheres entrevistadas no período da pandemia:

- 61%** tiveram o acesso aos alimentos prejudicado
- 42,5%** receberam auxílio emergencial
- 85%** disseram ter participado de doação de alimentos
- 83%** reduziram o consumo de alimentos *
- 72%** receberam doações de alimentos *

* perguntas respondidas por parte das entrevistadas
(Fonte: Gender & Covid-19 - Insegurança alimentar de mulheres e suas famílias no contexto da pandemia no Brasil)

Braille: a inclusão em forma de toque

Projetos do CEFET-MG buscam oferecer autonomia a pessoas cegas ou com baixa visão



Consultar o extrato bancário, a fatura do cartão de crédito, a data de validade de produtos no supermercado e as etiquetas de roupas são hábitos corriqueiros. Mas você já parou para pensar que pessoas cegas ou com baixa visão não conseguem ter acesso a essas informações básicas?

De acordo com o IBGE, existem mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual no Brasil, população que convive com restrições de diretos à educação, ao trabalho e ao lazer porque os produtos e serviços não são concebidos para atendê-la. Para garantir autonomia a essa parcela de brasileiros, professores e estudantes do *campus* Divinópolis desenvolveram o projeto de iniciação científica “Placas de identificação de portas e etiquetas de roupas em Braille: uma abordagem inclusiva de acordo com a regulamentação da ABNT e do Inmetro”.

Orientado pelos professores Rodrigo Bessa e Maria de Lourdes Nogueira, o projeto teve início em março de 2022 com dois estudantes do bacharelado em Design de Moda Miguel Costa e Juliana Barcelos, bolsistas da Fapemig. Inicialmente, lembram os estudantes, a ideia era pesquisar formas de produzir etiquetas de roupas em Braille, mas, ao perceberem que o *campus* não possuía placas de identificação nesse sistema nas portas de salas, banheiros, laboratórios, Biblioteca e departamentos, começaram a desenvolver protótipos para esses espaços.

Etiquetas em Braille

Um dos primeiros objetivos do grupo foi tentar entender por qual motivo a maioria das indústrias da moda ainda não adota a etiqueta em Braille no interior das peças, uma vez que é obrigatório o texto da etiqueta esclarecer o tamanho, a composição do tecido e outras informações relevantes determinadas pelo Inmetro. De acordo com o professor Rodrigo, uma das razões pode ser a produção da etiqueta com texto em Braille no tamanho tamanho de uma folha em formato A5 (14,8 x 21 cm).

Para contornar o desafio, os bolsistas fizeram diversos testes: primeiramente, eles tentaram criar os protótipos das etiquetas na impressora 3D, mas o resultado não foi eficiente, pois, além de ser rígido, o material produzido poderia ser facilmente removido do tecido. Depois, criaram um protótipo na cortadora a laser e *silkaram* com borracha flexível, mas o processo se tornou demorado e, apesar da boa fixação no tecido e fácil leitura em Braille, o resultado não atendia ao conforto do usuário. “Foi, então, que pensamos no *silkscreen* em alto relevo, que apresentou o melhor resultado até então no nosso projeto. Estamos desenvolvendo formas de baratear os custos e torná-la aplicável em grande escala”, explica Miguel.



(à esq.) os estudantes de Moda do *campus* Divinópolis Juliana Barcelos e Miguel Costa no laboratório Maker; (à dir.) teste em borracha e o resultado final em alto relevo

Placas de identificação em Braille

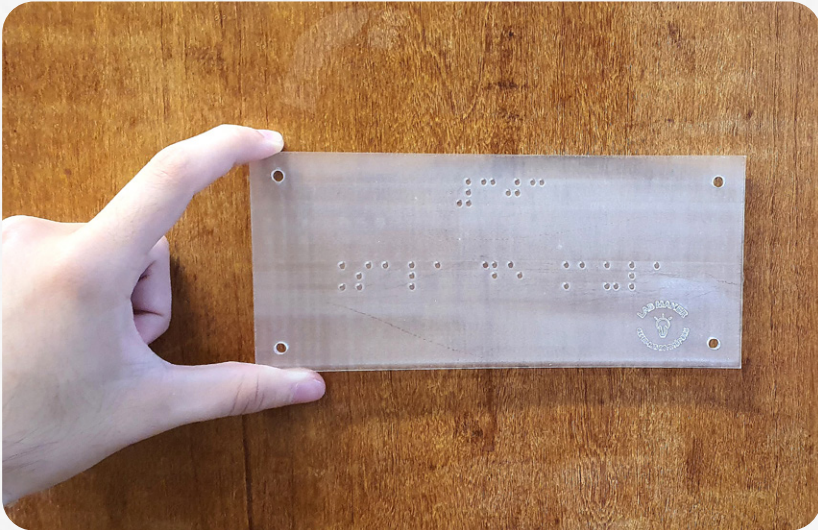
Os estudantes também foram desafiados a testar estratégias para aumentar a acessibilidade do *campus* Divinópolis para pessoas cegas ou com baixa visão. Incialmente, eles utilizaram as impressoras 3D do *LabMaker* do CEFET-MG, mas o tempo de confecção e a qualidade do material não atenderam às expectativas.

Para a parte escrita, eles então utilizaram um tradutor de Braille e fizeram ajustes no programa de edição *Corel Draw*. Em seguida, desenvolveram testes na cortadora a *laser* para impressão em MDF. Na sequência, testaram a impressão em acrílico, que, além de apresentar qualidade superior, poderia ser feita a partir de material reciclado de placas inutilizadas que já existiam no *campus*.

Para Juliana, o seu olhar para a profissão vem sendo transformado com essas pesquisas voltadas para a inclusão. “A ideia de pesquisar a

respeito de algo que agregue à vida de alguém e promova acessibilidade por meio da moda é encantadora para nós, estudantes. Quando se estuda sobre alguma necessidade e se envolve, se vê a necessidade de ajudar e isso acaba sendo um motivador muito grande”, destaca.

Segundo o professor Rodrigo Bessa, o projeto será apresentado em eventos científicos e pode despertar o interesse da indústria para novas formas de promover a inclusão pela moda. “A pesquisa propõe a criação dessa etiqueta como um *design* de superfície, mas abre espaço para futuras pesquisas de outras formas de esclarecimentos dessas informações das etiquetas das roupas, como, por exemplo, por meio de *QR Code* e um aplicativo que faça a leitura das etiquetas para as pessoas com deficiência visual adquirida e/ou com a visão parcialmente comprometida”, finaliza.



Do envio de modelo de placas para a impressora a laser, passando pelo teste em MDF até o resultado final de impressão em acrílico

Recursos didáticos inclusivos

Acessibilidade também é o foco das pesquisas do professor do CEFET-MG Alexandre Ferry, que criou o projeto “Incluir-Ciência”. O objetivo é desenvolver e validar recursos didáticos inclusivos para o ensino de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. A ideia é promover a acessibilidade e a inclusão de estudantes com deficiência visual, proporcionando materiais adequados e estratégias pedagógicas que facilitem o aprendizado e a participação ativa nas aulas de Ciências. “A temática é de extrema importância para a sociedade, pois promove a igualdade de oportunidades e o acesso à educação inclusiva. Por meio da criação de recursos didáticos acessíveis, estamos possibilitando que estudantes com deficiência visual tenham acesso pleno ao ensino de Ciências, ampliando suas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento acadêmico”, explica o professor.

Segundo Alexandre, o projeto contribui ainda para sensibilizar a sociedade e os educadores sobre a importância da inclusão e da valorização das diferentes formas de aprendizado, fortalecendo, assim, os princípios de uma educação mais igualitária e inclusiva para todos.

O “Incluir-Ciência” é formado por professores e estudantes de graduação e pós-graduação do CEFET-MG e conta com a parceria do Instituto São Rafael, em Belo Horizonte, e do Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, que permite a troca de conhecimentos e experiências, ampliando o alcance e impacto do projeto. Ele surgiu da necessidade de promover a inclusão educacional e teve a inspiração pelas oportunidades oferecidas pelo Laboratório *LabMaker* do CEFET-

MG, “um espaço de trabalho e aprendizagem colaborativa que estimula a criatividade e a utilização de tecnologias de prototipagem digital, corte e gravação a *laser*, e impressão tridimensional”, pontua Alexandre.

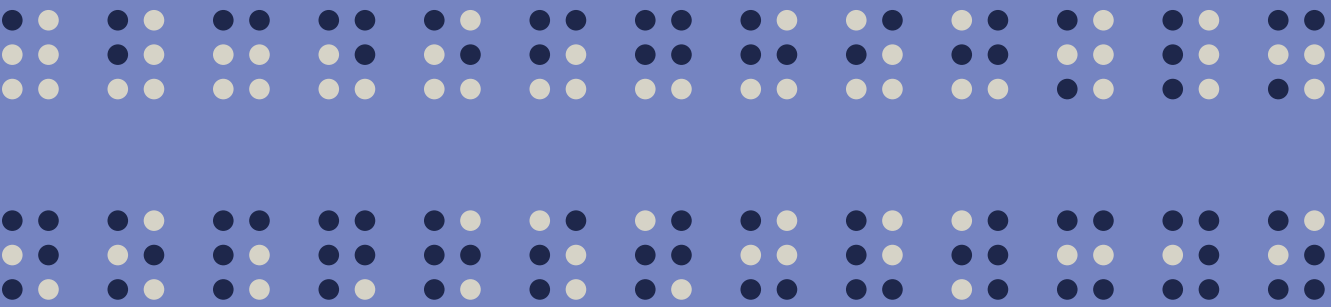
No ambiente *maker*, os participantes do projeto puderam explorar novas possibilidades na criação. Foram desenvolvidos e validados recursos didáticos inclusivos, como pranchas grafotáteis (representações em alto relevo) com peças de manipulação e encaixe, *kit* de fórmulas estruturais de compostos orgânicos, *kits* de modelagem molecular, peças do recurso “Quebra-cabeça iônico” e o Bricks Braille Químico (BBQ). “Esses materiais foram bem recebidos pelos revisores técnicos brailistas e pelos professores de Química, que destacaram sua utilidade e potencial para promoverem a aprendizagem e a inclusão. As tecnologias avançadas no Laboratório *Maker* nos ofereceram ferramentas precisas e versáteis para prototipar e produzir os materiais”, conta Alexandre.

Para o coordenador, é fundamental ampliar e melhorar o acesso à informação e ao conhecimento científico para as pessoas com deficiência visual, especialmente no ensino de Ciências da Natureza em ambientes escolares ou em espaços não formais de educação científica e tecnológica.

O projeto de pesquisa é articulado com um conjunto de ações de extensão realizadas no *LabMaker* e o grupo de pesquisa sobre Analogias, Metáforas e Modelos na Tecnologia, na Educação e na Ciência (AMTEC/ GEMATEC), vinculado à linha de pesquisa sobre “Práticas Educativas e Tecnologias Educacionais”, do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG.

O QUE É BRAILLE?

O Braille é um sistema de escrita e leitura tátil baseado em códigos em relevo. Nele, são representadas as letras do alfabeto, algarismos e símbolos, por meio de seis pontos, que compõem um total de 63 combinações diferentes. Foi inventado entre 1824 e 1825 por Louis Braille, que perdeu a visão com três anos de idade.





Para além das dificuldades

CEFET-MG se adapta para melhor incluir estudantes com Transtorno do Espectro Autista

• Diogo Tognolo •

Dificuldade para interagir socialmente, como manter o contato visual e expressar as próprias emoções; dificuldade para se comunicar, optando pelo uso repetitivo da linguagem e bloqueios para começar e manter um diálogo; alterações comportamentais, como manias, apego excessivo a rotinas, ações repetitivas, interesse intenso em coisas específicas e sensibilidade sensorial. Essas são algumas características que podem estar presentes em indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Essas características variam – justamente por isso dizemos que os indivíduos estão em um espectro autista, podendo se manifestar em diferentes níveis de intensidade. Para muitas dessas pessoas, as dificuldades podem atrapalhar os estudos – e as instituições de ensino precisam de um cuidado maior para atender esses alunos.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) postula que a educação é um direito, “assegurados

sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida”. Mas dados de 2019 da Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE) mostram que 67,6% da população com deficiência (incluindo aí pessoas com deficiência física e intelectual) não tinham instrução ou tinham ensino fundamental incompleto, frente às 30,9% de pessoas sem deficiência na mesma situação.

“Sabemos que no Brasil, por uma longa duração, o atendimento educacional direcionado à pessoa com deficiência foi construído separadamente, ou seja, o lugar do deficiente não era a escola”, lembra Ana Carolina Almeida, pedagoga e membro do Núcleo de Acessibilidade e Apoio à Inclusão (NAAPI) do *campus* Nova Gameleira do CEFET-MG. “A escola deve acolher qualquer estudante com autismo ou mesmo com possibilidade de ter esse diagnóstico. A inclusão deles valoriza a diversidade humana e apresenta novas maneiras de ser e estar no espaço escolar”.

Escola e família

“Muitas vezes nós, docentes, não sabemos que temos alunos com TEA. Ano passado mesmo, só fui descobrir em novembro que tinha uma aluna com o transtorno ao dar uma atividade pedagógica dinâmica e uma colega pedir silêncio porque a estudante estava incomodada com o barulho dos aplausos”, lembra o professor Matusalém Duarte, do Departamento de Geociências do CEFET-MG.

Matusalém dá aulas no ensino técnico e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Na Pós-Graduação, tem orientado pesquisas sobre a inclusão dos estudantes com TEA na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. “Atualmente oriento uma pesquisa sobre expectativas das famílias com filhos autistas em relação à sua entrada no Ensino Médio e no mundo do trabalho, pesquisa essa que nos ajuda a compreender de que forma o contexto atual tem impactado no processo da inclusão desses sujeitos”, explica. Ele destaca que, a partir de um mundo neoliberal, são criados discursos e práticas que buscam olhar para os sujeitos com deficiência dentro de uma “normalidade”: a do sujeito competitivo, performático e produtivo. Isso pode gerar um cansaço e uma frustração de famílias que não aceitam os limites de seus filhos ou que colocam neles a necessidade de se alcançar uma “normalidade performática”.

NAAPI

No CEFET-MG, a função de apoiar a educação inclusiva fica a cargo dos Núcleos de Acessibilidade e Apoio à Inclusão (NAAPI). Presentes em todos os *campi*, os setores ligados à Diretoria de Desenvolvimento Estudantil (DDE) buscam consolidar os direitos educacionais dos estudantes com deficiência e/ou necessidades educacionais específicas, por meio de ações que visem à acessibilidade, permanência, participação e êxito nos estudos. Os NAAPIs foram criados em 2022 e são compostos por uma equipe multiprofissional.

“Existem três níveis de autismo que se relacionam com a gravidade dos sintomas que afetam as habilidades de interação e o comportamento da pessoa com TEA. Nesse sentido, fazem parte do espectro pessoas com alta funcionalidade e aquelas que apresentam pouca autonomia e/ou deficiência intelectual”, explica Ana Carolina. “As pessoas com TEA podem apresentar alterações sensoriais que influenciam no comportamento e na sua interação na sala de aula; dificuldade de interpretar o que não é dito; dificuldade de entender regras sociais implícitas; muita atenção ao detalhe e não ao contexto; e déficits nas funções executivas, o que envolve, entre outras, a capacidade de planejamento e flexibilidade cognitiva”.

Tanto Ana Carolina, quanto Matusalém reconhecem que as instituições de ensino – e o CEFET-MG em específico – ainda enfrentam desafios para uma educação realmente inclusiva para estudantes com TAE. “Matricular o aluno na escola é só o início de um processo, a partir daí há um leque de demandas que precisam ser supridas, tanto do ponto de vista material, quanto de profissionais de apoio, como psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos e acompanhante em sala de aula”, afirma Matusalém. “O que temos visto, infelizmente, é uma culpabilização docente, que, às vezes, tem mais de quarenta alunos em sala, e não consegue dar o

acompanhamento individualizado para aquele estudante. Precisamos encarar de frente o projeto e viabilizar de fato a quebra dessas barreiras, senão o que teremos é uma inclusão-excludente”.

Para Ana Carolina, a inclusão só ocorre, de fato, quando há engajamento de toda a comunidade escolar. Entre as ações que o NAAPI do *campus* Nova Gameleira realiza para isso estão campanhas de conscientização, exposição, encontros para alunos e familiares, capacitação para os professores e um contato mais próximos dos estudantes diagnosticados com TAE ou com diagnóstico em investigação, que inclui conversas com suas famílias e professores e contato com a escola anterior do aluno e a equipe multiprofissional que o acompanha. “Nosso maior desafio é romper a barreira atitudinal, que quase sempre se pauta num discurso capacitista e discriminatório associado à pessoa com deficiência. É preciso conhecer sobre o autismo, ampliar as lentes e perceber o estudante com TEA para além das suas dificuldades”, afirma.



Conheça o Núcleo de
Acessibilidade e Apoio à Inclusão
do CEFET-MG e entre em contato
com a equipe do seu *campus*

O QUE É AUTISMO?

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (referência mundial de critérios para diagnósticos), pessoas dentro do espectro podem apresentar déficit na comunicação social ou interação social (como nas linguagens verbal ou não verbal e na reciprocidade socioemocional) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, como movimentos contínuos, interesses fixos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais. Todos os pacientes com autismo partilham essas dificuldades, mas cada um deles será afetado em intensidades diferentes, resultando em situações bem particulares. Apesar de ainda ser chamado de autismo infantil, pelo diagnóstico ser comum em crianças e até bebês, os transtornos são condições permanentes que acompanham a pessoa por todas as etapas da vida.

Fonte: www.autismoerealidade.com.br

Grupos de arte e cultura nos *campi* são oportunidade para comunidade escolar

Formalização de novos grupos acontece de maneira contínua na Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

• André Luiz Silva •

Em dezembro de 2020, o CEFET-MG regulamentou os grupos de arte e cultura e as manifestações artístico-culturais produzidas e difundidas por eles nas comunidades que estão no entorno dos *campi* da Instituição. É teatro, música, audiovisual, leitura, escrita, folclore e muito mais para valorizar a diversidade cultural e regional brasileira e democratizar ações e bens culturais nessas comunidades.

Atualmente, o CEFET-MG conta com 13 grupos formalizados, mas a formalização de novos grupos acontece de forma contínua na Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC) (sabia como no QR Code nesta página), podendo participar professores, técnicos administrativos, estudantes de todos os níveis de ensino e comunidade externa.

Para a coordenadora de Arte e Cultura, professora Yara Augusto, participar de um grupo de arte e cultura representa uma oportunidade de sensibilização, aprendizado, vivência criativa, fruição da arte e de maior conscientização acerca da importância da preservação do patrimônio e da valorização da cultura. “Nos grupos de arte e cultura, o contato com a arte e a interação com outras culturas expande olhares, perspectivas críticas, sendo capaz de provocar questionamentos metafísicos ou de caráter pessoal e íntimo”, afirma.

De música a transporte

O professor Weider Rodrigues, de Varginha, coordena e participa de um grupo de arte e cultura no *campus*, a Banda Ironia, que toca clássicos do rock nacional e internacional. “A banda existe desde 2017 e realiza apresentações em festivais de música, como o Cefestival, e ensaia semanalmente por duas horas”, conta.

A fotografia é uma das manifestações artístico-culturais utilizadas pelo Grupo de Arte Ambiental, ou Amb-Art, para “promover a Educação Ambiental e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ONU) a partir de diferentes formas de arte”, explica o coordenador do grupo, professor Josimar de Souza. O docente conta que o grupo atualmente conta com 22 integrantes, entre docentes, colaboradores de outras instituições federais (Universidade Federal de Uberlândia e Universidade Estadual de Goiás) e estudantes do ensino médio do CEFET-MG e de outras escolas de Minas Gerais.

A mesma diversidade de participantes é observada no grupo Arte, Tecnologia e Transporte, do *campus* Nova Suíça (BH). Segundo a coordenadora, professora Anna Carolina Pereira, a arte, a tecnologia e os transportes estão na vida de todos nós. “Ao caminhar e ao estar dentro de um carro ou ônibus, pode-se observar as intervenções artísticas, tais como, grafites e esculturas, em espaços públicos urbanos e em locais espalhados por toda a cidade. Portanto, o ARTT busca investigar de que maneira a interação entre arte e tecnologia afeta e/ou interfere no sujeito que circula nesses transportes e locais relacionados”, explica.



Foto de Edilson Palhares (membro do Amb-Art), intitulada “Incêndio”, traz uma proposta inusitada de observar uma simples nuvem em contraste com um edifício



Crie seu grupo de arte e cultura e se credencie na Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário